



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO MIRACEMA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

PRISCILA AGUIAR TAVARES

A LEITURA E A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2025

Priscila Aguiar Tavares

A Leitura e a Escrita na Educação Infantil

Monografia apresentado à Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Miracema, como requisito parcial para a aprovação na matéria de Projeto de TCC, do curso de Licenciatura em Pedagogia e que servirá de base para a escrita do TCC, sob a orientação da Profa. Me. Suzana Brunet Camacho da Rocha.

Miracema do Tocantins, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- T2311 Tavares, Priscila Aguiar.
A Leitura e a Escrita na Educação Infantil. / Priscila Aguiar
Tavares. – Miracema, TO, 2025.
23 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2025.
Orientador: Profa. Me. Suzana Brunet Camacho da Rocha
1. linguagem. 2. uso de signos. 3. escrita. 4. educação infantil. I.
Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PRISCILA AGUIAR TAVARES

A LEITURA E A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de Pedagoga e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 28 / 02 / 2025

Banca Examinadora

Profa. Ma. Suzana Brunet Camacho, Orientadora – UFT

Profa. Dra. Kethlen Leite de Moura-Berto, Avaliadora – UFT

Profa. Dra. Ana Corina Machado Spada, Avaliadora - UFT

AGRADECIMENTOS

Quero primeiramente agradecer a Deus que sempre esteve comigo, me dando forças nos momentos difíceis, em que coloquei em dúvida se tinha capacidade para me formar, que por inúmeras vezes pensei em desistir, e Deus fazia eu voltar e ter vontade de terminar.

Agradeço a minha orientadora professora Suzana, pela paciência e por suas contribuições através do conhecimento e a todas as professoras (os) do curso que contribuíram com seus ensinamentos para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos meus pais José Maria e Pedrinha, pelo carinho e amor que recebi, em especial a minha saudosa mãe, que de todas as maneiras e estratégias possíveis me incentivou a estudar, e que infelizmente não pode me ver formar. Comecei a escrever esse TCC no leito de um hospital ao seu lado, como sempre, e quando te perdi, senti que não iria conseguir viver sem a senhora, que o mundo sem você seria vazio e triste, e realmente estava certa, sua ausência tirou uma parte da minha motivação em viver, levou junto uma parte gigantesca da minha alegria. Hoje saudades me define e olhos vermelhos me retratam.

A minha irmã Patrícia que sempre foi um exemplo. Obrigado pelas palavras sinceras e motivação a estudar.

A minha tia/madrinha Zezina que apoiou meus estudos e que ajuda a cuidar dos meus filhos, que tem o sonho do ensino superior e que realizou através de mim.

Ao meu marido Cleiton, que se esforçou muito para eu pudesse me dedicar a estudar, obrigada por acreditar na minha capacidade.

Aos meus filhos, Pietra e Rael, pois olho para vocês e tenho forças de enfrentar meus medos e desafios para conquistar um futuro melhor para vocês.

Aos meus fieis amigos, Islaene, Lucas e Poliana, que sempre estão presentes em todos os momentos e que me motivam a estudar.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal compreender a pré-história da língua escrita e sua importância para a construção do signo linguístico. Como objetivos específicos deste estudo busca-se compreender o papel do desenho e do brincar na apropriação da cultura escrita e identificar quais atividades devem ser planejadas na pré-escola para a construção da ideia de signo e sua função comunicativa. Entende-se que a pré-escola é uma etapa importante para a construção da ideia de simbolismo e signo linguístico e para compreender a apropriação da escrita no período pré-escolar é fundamental identificar as suas origens nas relações que a criança vai gradativamente estabelecendo com as funções do signo. Para compreender como deve ocorrer a aprendizagem e o desenvolvimento da escrita nessa etapa escolar definiu-se os seguintes objetivos específicos: entender como a criança começa a compreender um sistema simbólico e signos, como a criança começa a perceber a escrita como recurso de memória e qual o papel da escola. Para isso, a dimensão teórico-metodológica deste estudo fundamenta-se nos princípios do desenvolvimento humano apresentados pela Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky (2010) que traz em seu bojo a importância da mediação e desenvolvimento das funções psicológicas superiores e a pré-história da língua escrita. Fundamenta-se, ainda, nos estudos de Luria (2010), que aponta os caminhos que compõem a pré-história da escrita, delineando as origens dessa forma de linguagem em sua gênese, no período pré-escolar. O estudo apontou caminhos para uma ação pedagógica que crie circunstâncias que possibilitem a apropriação da escrita em sua funcionalidade social, propiciando uma mudança qualitativa na relação da criança com esse tipo de linguagem, pois ela apresenta a necessidade de escrever. Apontou-se, também a importância das brincadeiras, do faz-de-conta e do desenho como atividade importante para a construção do signo linguístico, durante a etapa pré-escolar.

Palavras-chave: Pré-história. Linguagem. Pré-escola.

ABSTRACT

The main objective of this study is to understand the prehistory of written language and its importance for the construction of linguistic signs. The specific objectives of this study are to understand the role of drawing and playing in the appropriation of written culture and to identify which activities should be planned in preschool to construct the idea of sign and its communicative function. It is understood that preschool is an important stage for the construction of the idea of symbolism and linguistic signs, and to understand the appropriation of writing in the preschool period, it is essential to identify its origins in the relationships that the child gradually establishes with the functions of the sign. In order to understand how learning and development of writing should occur in this school stage, the following specific objectives were defined: to understand how the child begins to understand a symbolic system and signs, how the child begins to perceive writing as a memory resource, and what the role of the school is. To this end, the theoretical-methodological dimension of this study is based on the principles of human development presented by Vygotsky's Historical-Cultural Theory (2010), which includes the importance of mediation and development of higher psychological functions and the prehistory of written language. It is also based on the studies of Luria (2010), who points out the paths that make up the prehistory of writing, outlining the origins of this form of language in its genesis, in the preschool period. The study pointed out paths for a pedagogical action that creates circumstances that allow the appropriation of writing in its social functionality, providing a qualitative change in the child's relationship with this type of language, since they present the need to write. The importance of games, make-believe and drawing were also pointed out as important activities for the construction of the linguistic sign, during the preschool stage.

Keywords: Prehistory. Language. Preschool.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VYGOTSKY.....	09
2.1	Mediação e o uso de instrumentos e signos.....	09
2.2	Linguagem	10
2.3	Escrita como prática cultural.....	12
3	A PRÉ-HISTÓRIA DA LÍNGUA ESCRITA.....	15
4	A LEITURA E A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	18
5	CONCLUSÃO.....	22
	REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

O interesse por este tema se deu a partir de questionamentos de como a escrita acontece na fase inicial de escolarização. Me recordei da minha infância, revivi momentos importantes e notei que não havia vivenciado, por meio das práticas escolares, a função da escrita e seus usos sociais. Considerando que o ensino da escrita é indispensável questiono quanto ao início desse processo.

A partir da observação nas disciplinas de Estágio Supervisionado percebeu-se que a Educação Infantil tem sido, equivocadamente, uma etapa de preparação para o Ensino Fundamental e as crianças desenvolvem atividades de cópia, de pintar e de cobrir letras e números e, muitas vezes, são privadas de contato com a leitura e a escrita.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal compreender a pré-história da língua escrita e sua importância para a construção do signo linguístico. Como objetivos específicos deste estudo busca-se compreender o papel do desenho e do brincar na apropriação da cultura escrita e identificar quais atividades devem ser planejadas na pré-escola para a construção da ideia de signo e sua função comunicativa.

A escrita é um dos elementos da cultura e aprendida, principalmente, na escola, enquanto instituição que tem como função social a apropriação do conhecimento historicamente produzido pela humanidade. Para melhor entender a aprendizagem e o desenvolvimento da escrita da criança e o papel da pré-escola, buscou-se tecer alguns questionamentos importantes: como a criança começa a perceber a escrita como recurso de memória? Quais atividades devem ser planejadas para que as crianças entendam o signo linguístico e sua função?

Para a análise dos dados, a fundamentação teórica se baseia nas proposições da teoria histórico-cultural. Vygotsky (2000) considera a criança como sujeito histórico e social e, para ele, a linguagem surge pela necessidade de se comunicar e de transmitir seus pensamentos com o outro. Autores como: Lúria (2010), Mello (2006), Goulart (2011) dentre outros permitirão entender a aquisição da linguagem escrita e o percurso de construção do signo e de sua função antes de a criança se apropriar da língua escrita.

A partir desta concepção teórica, estrutura-se o estudo nas contribuições de Vygotsky, especificamente nos conceitos principais deste autor, como mediação e

desenvolvimento das funções psíquicas superiores, a linguagem e seu papel fundamental no desenvolvimento humano, os signos como ferramentas para apropriação e a significação cultural. Fundamenta-se, ainda, nos estudos de Luria, que aborda os caminhos que compõem a pré-história da escrita, delineando as origens dessa forma de linguagem em sua gênese, no período pré-escolar.

Para compreender o processo de apropriação da cultura escrita no período pré-escolar é fundamental identificar nas suas origens as relações que a criança vai gradativamente estabelecendo com a escrita. A perspectiva histórico-cultural reforça a tese de que a criança passa por diferentes estágios pré-históricos de elaboração da escrita, em que uma etapa vai superando a outra na medida em que emergem as necessidades de representação da ideia, mesmo que a criança ainda não tenha compreendido o mecanismo da utilização de marcas simbólicas. A pré-história da língua escrita busca explicar os meios pelos quais o sistema externo de símbolos e signos se converte em uma função psíquica da própria criança e apresenta as ligações entre o gesto, o desenho, o jogo infantil e a escrita.

Nesse aspecto, Luria explica a origem e a utilização dos signos pela criança, ao dizer que “não é a compreensão que gera o ato, mas é muito mais o ato que produz a compreensão” (LURIA, 1988, p. 188), ou seja, a criança apropria-se dos conhecimentos sobre a escrita por meio de atos com a escrita. Os atos de escrita na pré-escola precisam ser colocados em situações em que a criança possa se expressar sem recorrer à escrita convencional, que ela ainda não domina, possibilitando que ela assimile sua função social específica. É preciso entender como as atividades pré-escolares devem ser planejadas, tendo em vista uma participação ativa do sujeito aprendiz sobre o objeto a ser apreendido. É preciso lembrar que, nessa etapa, as crianças ainda não se apropriaram do signo linguístico e as atividades voltadas para a construção da ideia de signo e de sua função envolvem as brincadeiras e o desenho.

2 A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VYGOTSKY

Este trabalho parte da compreensão de que a apropriação da escrita pela criança mantém relações com a natureza da linguagem, que é uma complexa função psicológica a qual se relaciona com outras superiores como o pensamento. Nessa abordagem histórico-cultural, a linguagem é considerada uma ponte que liga a criança com a sua realidade e o mundo. Assim, o desenvolvimento da linguagem inicia-se como um meio de comunicação e gradativamente passa para uma forma de expressão do pensamento e de apreensão do mundo (Vigotski, 2001). Em relação à linguagem escrita, sendo um legado da humanidade, só pode ser adquirida pela criança por meio da cultura, na qual se internalizará e se habilitará a transformar a própria sociedade em que se encontra inserida (Vigotski; Luria; Leontiev, 2010).

Os processos mentais superiores ou psicológicas superiores foi uma das muitas áreas de estudo de Vygotsky. São exemplos de funções superiores ler, escrever, imaginar, ter consciência, características que apenas os seres humanos possuem, mesmo que algum animal seja ensinado a fazer algo igual ao homem, ele jamais terá nesse ato, o caráter voluntário intencional, será apenas uma reprodução do que foi adestrado a fazer e não desenvolve a capacidade de lidar com o mundo ou seja fazer alterações e adaptações segundo a necessidade do ambiente ou situação, porque não tem a função superior psicológica para ter essa consciência. (OLIVEIRA, 1997, p.28)

Rego (2002) ressalta que Vygotsky afirma que as características típicas humana, não são componentes que já vem desde o nascimento, mas são o resultado da interação dialética com o meio sócio cultural, ou seja, conforme muda o ambiente essa mudança afetará seu modo de agir posteriormente. O ser humano possui a capacidade de mudar o ambiente em que vive de acordo com sua necessidade para suprir suas precisões ou vontades, conforme faz esse processo ele também se modifica, transforma o social, adquire conceitos. (REGO, 2002, p.41)

2.1 Mediação e o uso de instrumentos e signos

Uma das ideias centrais de Vygotsky (2007) é o conceito de mediação, que trata o percurso e as relações. A mediação é quando uma situação deixa de ser direta, e existindo um intercessor, que pode ser uma lembrança, pessoa ou qualquer

elemento que venha adentrar e incentivar o percurso. Nesse caso, existe o estímulo, a resposta e o intermediário:

Vygotsky trabalha, então com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas fundamentalmente, uma relação mediada. As funções psicológicas superiores apresentam uma estrutura tal que entre o homem e o mundo real existem mediadores, ferramentas auxiliares da atividade humana” (OLIVEIRA,1997, p. 29)

Três elementos mediadores, citados pelo autor são os instrumentos e os signos. As tarefas do cotidiano são executadas de maneira mais eficaz com a ajuda dos instrumentos, que possui a função de ajudar, tornar mais rápido, fazendo as modificações e alterações no ambiente para melhor execução.

O instrumento é um elemento interposto entre o trabalho e o objeto do seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza. O machado por exemplo, corta mais e melhor que a mão humana; a vasilha permite armazenamento de água. O instrumento é feito ou buscado especialmente para certo objetivo. E ele carrega consigo, portanto, a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. É, pois um objeto social mediador da relação entre o indivíduo e o mundo. (OLIVEIRA,1997, p.31).

Os signos ou instrumentos psicológicos são internalizados e ajudam nos processos psicológicos, aumentam a capacidade de memória do ser humano. Enquanto os elementos externos têm como finalidade alterar a natureza, os signos são marcas internas que auxiliam e formam as funções psicológicas superiores.

As marcas externas se transformaram em signos internos, ou seja, a realidade foi substituída pela representação mental. Por exemplo quando fala em cachorro, não precisa ter fisicamente, porque está na mente através da representação. Os signos internalizados fazem mediação com o mundo e são responsáveis pela interação entre indivíduos.

2.2 Linguagem

Linguagem e pensamento possuem origem e percursos distintos, em um certo ponto do desenvolvimento da espécie humana eles se cruzam e se tornam a linguagem racional e a expressão. A junção dos dois se deriva da necessidade de comunicação para o trabalho, que é exclusivamente da espécie humana.

Segundo Vygotsky (2007, 2010), todo contato que a criança estabelece com o mundo é sempre mediado pela linguagem. A linguagem e o pensamento verbal

foram um dos marcos importantes para a espécie humana se desenvolver socialmente.

Quando os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem se unem, surgindo, então, o pensamento verbal e a linguagem racional, o ser humano passa a ter a possibilidade de um modo de funcionamento psicológico mais sofisticado, mediado pelo sistema simbólico da linguagem. (OLIVEIRA,1997, p.49).

A criança desde o nascimento, em uma fase pré-verbal, pré-intelectual, consegue resolver questões cotidianas com o auxílio de instrumentos e que, mesmo sem dominar a fala, possui capacidade de comunicação através do choro, riso, expressões faciais.

Assim como ocorreu no desenvolvimento da espécie humana, num determinado momento do desenvolvimento da criança (por volta dos dois anos de idade) o percurso do pensamento encontra-se com a da linguagem e se inicia-se uma nova forma de funcionamento psicológico a fala torna-se intelectual, com função simbólica, generalizante e o pensamento torna-se verbal, mediado por significados dados pela linguagem. Enquanto no desenvolvimento filogenético foi a necessidade de intercâmbio dos indivíduos durante o trabalho que impulsionou a vinculação dos processos de pensamento e linguagem na ontogênese esse impulso e dado pela própria inserção da criança num grupo cultural. (OLIVEIRA,1997, p.49)

Ao superar a fase pré-linguística, a criança descobre a função social dos signos, através de estímulos nos quais nota a necessidade de usar a “escrita” (não necessariamente formal) como auxiliadora na memória para registrar algo.

A partir dessa nova etapa, a palavra passa a ocupar um outro lugar na vida da pessoa, imposto tanto pela necessidade de comunicação em si, quanto pela necessidade de compreensão sobre o mundo, abrindo as possibilidades para todo desenvolvimento ulterior da linguagem oral e escrita, representada pelos domínios gramaticais da língua. (GONTIJO, 2002, p.15)

A internalização do real ocorre no contato com a cultura que está sendo vivenciada. Segundo Oliveira (1997), o amadurecimento do ser humano através das experiências com o social ocorre de fora para dentro e a linguagem tem um papel importante:

O processo de desenvolvimento do ser humano, marcado inserção em determinado grupo cultura, dá-se “de fora para dentro “. Isto é, primeiramente o indivíduo realiza ações externas, que serão interpretadas pelas pessoas a seu redor, de acordo com os significados culturalmente estabelecidos. A partir dessa interpretação e que será para o individual atribuir significados a suas próprias ações e desenvolver processo psicológicos internos que podem ser internas. “(OLIVEIRA,1997, p.40)

2.3 Escrita como prática cultural

O início da escrita na sociedade, segundo Faria (2024) veio juntamente com o poder, veio para registrar propriedades, controle de mercadorias, e outras funções vinculadas ao comércio. Foi se aprimorando a formação de classes que visavam a aquisição da riqueza por aqueles que faziam parte e do poder expresso dessas pessoas sobre os demais. Interessante ressaltar que a escrita não tem a função principal a de comunicação, e essa finalidade só veio mais tarde. E sua principal função seria a de uma sociedade com regras e normas expressas através da escrita. Portanto, pensar em pertencimento à cultura escrita é muito mais que pensar em saber ler e escrever. É referir-se a um modo de organização e de produção social. (FARIA, 2014 p.7)

A escrita está vinculada em como se organiza e produz a sociedade. A autora acredita que quem adquirir a escrita se apropria do cultural, pois a mesma faz parte de um processo histórico, social e o psíquico por ser de alta complexibilidade:

O que está em questão é a ideia de que o domínio da escrita se faça pelo conhecimento da técnica de codificar e decodificar mensagens (mesmo quando estas mensagens são processadas e compreendidas mentalmente). O que se propõe como princípio que deve orientar a ação educativa e que entrar no universo da escrita é operar com signos e significados dentro de um mundo pleno de valores e de sentidos historicamente produzidos e socialmente marcados; portanto, operar com esses discursos, em particular quando se pensa em um sujeito autônomo, inserido e indignado, supõe que se possa sempre pôr em questão as formas de alienação e de dominação. (FARIA, 2014 p.7)

Dessa forma, entende-se que a escrita é mais do que apenas uma técnica onde se aprende a escrever e a ler. Permite ter acesso ao mundo de representação, onde já se foi construído significados histórico e social.

A alfabetização assume um papel extremamente relevante na vida dos seres humanos, por conseguinte na sociedade, pois através desta ocorre uma transformação na vida do sujeito, desde que não aprenda apenas a decifrar o código alfabético, mas, precisa de fato apropriar-se da linguagem escrita. Para Vygotsky (2010), a linguagem escrita possui um conceito muito amplo, e que vai para além da simples apreensão do código linguístico, ela abarca principalmente as necessidades naturais da criança, por isso não deve algo imposto pelo professor ao aluno como ocorre normalmente nas escolas.

Vygotsky afirma ainda que a escrita é um sistema de representação simbólica

da realidade. A partir do momento em que a criança se apropria desse sistema de signos e compreende a função da escrita seu pensamento evolui, e se transforma em novos instrumentos que organizam a estrutura de seu pensamento. Mas, a linguagem escrita sendo um legado da humanidade só pode ser adquirido pela criança por meio da cultura, onde internalizará e se habilitará a transformar a própria sociedade na qual está inserida.

Levando em conta que, em muitos casos, os objetivos da leitura e escrita não são de fato alcançados, pois o modelo tradicional se prende na artificialidade do ensino do código. Deixando de explorar a função da linguagem escrita, tornando o ensino apenas uma mera decodificação, é comum as práticas pedagógicas não reconhecerem a escrita como instrumento de inserção social. Por isso, muitos indivíduos que leem e escrevem, desconhecem a funcionalidade daquilo que ambas as ferramentas têm a oferecer.

A escrita é instrumento cultural complexo e não um código linguístico que precisa ser treinado mecanicamente com as crianças para identificarem sinais e sons desprovidos de significados, ou seja, como uma técnica de codificação e decodificação de letras que representam sons. Compreende-se que a criança deve se apropriar da função social da escrita em atividades organizadas para essa finalidade. Então, é preciso rever as atividades de treino, ainda muito frequentes, no ensino da leitura e da escrita para as turmas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental

As crianças se apropriam da linguagem escrita no convívio em seu meio social, com outros sujeitos, e nas experiências em que esse objeto é apresentado como necessidade para elas. De acordo com Vygotsky (2010, p. 201), ao tratar a escrita como um simbolismo, esta deve ser incorporada como necessária e relevante para as crianças, entendida como sendo vital para elas, como algo imprescindível.

Na prática da educação escolar, dá-se uma grande importância à leitura e relega-se a segundo plano a linguagem escrita. As crianças aprendem a desenhar letras e a formar palavras, mas não aprendem a linguagem escrita, senão de forma mecânica, com ênfase nos aspectos ortográficos do código linguístico. Para Soares (2003), a escola alfabetiza como se esta fosse uma aprendizagem neutra, despida de qualquer sentido político. Aprender a ler e escrever, para a escola, parece apenas significar a aquisição de um instrumento para a futura obtenção de conhecimento, a escola desconhece a alfabetização como forma de pensamento,

processo de construção do saber e meio de conquista política.

Compreende-se a apropriação da linguagem escrita como um processo que envolve a imersão das crianças em experiências significativas. Estas, por sua vez, demandam do professor a organização de atividades em que o sentido atribuído à escrita coincida com o seu sentido social. Desse modo, as crianças passam a compreender que as ações de escrever e ler possuem finalidades sociais. Mello (2012, p. 78) alerta que “quando retiramos da escrita sua função social, dificultamos sua apropriação plena pelas crianças”. Portanto, o professor assume um papel crucial para que as crianças possam atribuir sentido à leitura e à escrita.

3 A PRÉ-HISTÓRIA DA LÍNGUA ESCRITA

O período de desenvolvimento da escrita na criança de acordo com Luria (2010) começa muito antes do ingresso desta na sala de aula, seus estudos e experimentos feitos sobre o desenvolvimento da escrita nas crianças indicam que desde muito cedo elas passam por estágios de desenvolvimento da língua escrita e que os processos psíquicos da linguagem escrita se iniciam na pré-história do desenvolvimento das formas superiores do comportamento da criança. Para estudar a pré-história da escrita, Luria (2010) realizou experimentos com crianças que ainda não sabiam escrever com objetivo de estudar as origens do desenvolvimento da escrita desde o início até sua forma mais desenvolvida e complexa.

Vygotsky (2010;2007) e Luria (2010), denominam esse processo como “pré-história da escrita na criança”, e consideram que entender os estágios, nos quais puderam observar nas crianças, é de suma importância para que o professor possa saber o que e como ensinar, pois, conhecendo a pré-história conseguirá identificar o trajeto de desenvolvimento da escrita.

Em seu experimento, Luria (2010) dita frases para que as crianças anotassem e tentassem lembrar posteriormente. Inicialmente foi averiguado que uma criança de 4 e 5 anos não conseguia sequer entender as orientações para realização da atividade. Constatou-se que essa falta de capacidade ocorria devido a escrita ainda não ter uma finalidade para essas crianças. Para essas crianças, a escrita era apenas rabiscos, ou seja, uma atividade externa, uma imitação dos adultos e, por isso, não tinha como finalidade auxiliar a memória. Sendo assim, a falta de entendimento sobre a função da escrita, configura a primeira fase da pré-escrita, chamada pré-instrumental.

Luria (2010) considerava que a criança, antes de participar de um processo escolar de alfabetização, compreende que pode usar sinais, marcas, desenhos etc. como símbolos, pois estes passam a expressar significados que ela desejou registrar. Assim, para Luria, as crianças iniciam o desenvolvimento da escrita mesmo antes de estarem expostas a um processo escolar de aprendizagem da linguagem escrita. Esse período, anterior à aprendizagem escolar é constituído por estágios: Inicialmente, a criança relaciona-se com coisas escritas sem compreender o significado da escrita, escrever não é um meio de registrar alguma ideia. Envolve

somente a imitação de uma atividade do adulto, mas que não possui significado funcional

A chamada escrita pictográfica ou escrita por imagens, se apresenta a partir dos 5 a 6 anos de idade de maneira bem-sucedida, a mesma vai ceder lugar para a escrita formal apresentada pela escola. A experiência com os desenhos é extremamente importante e pode se iniciar como uma brincadeira e depois se tornar uma maneira de anotar e registrar algo. Os desenhos por ele mesmo, sem ser representação, já são bastante interessantes e significativos para o desenvolvimento intelectual, que auxiliam no processo da escrita.

A “escrita pictográfica” apresenta-se por volta dos 5 a 6 anos. Nessa idade, as crianças já sabem desenhar com certa destreza, mas não relacionam o desenho a um expediente auxiliar de escrita. Assim, as ações do professor devem dirigir-se para que o desenho se torne o símbolo do signo. (GONTIJO, 2002, p.12)

É importante que o desenho seja proporcionado como uma atividade de registro e simbolismo. É importante destacar que o fato da criança desenhar com facilidade não significa que usará o desenho como auxiliar da escrita. É importante que o professor possibilite essa transição e espera-se que práticas pedagógicas proporcionem a construção do entendimento de que é possível simbolizar, por meio do desenho, objetos, acontecimentos e ideias. Futuramente as crianças sentirão necessidade de se apropriar de um sistema simbólico mais elaborado para dar conta da complexidade de informações que desejam registrar.

Nessa etapa, o desenho infantil passa a ser antecipação da linguagem escrita e ele tem função psicológica para designar o que se quer demonstrar. Para Vygotsky (2010), o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Nesse sentido, passamos a reconhecer a escrita pictográfica como um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita.

A trajetória que a criança percorre para fazer aquisição da língua escrita seria a evolução de um rabisco, sem diferença para um signo com diferença. Posteriormente os rabiscos são trocados por desenhos que serão substituídos por signos. Essa ordem é o que acontece no desenvolvimento da escrita na criança e no desenvolvimento da história da civilização, não sendo algo rígido pois acontece oscilações entre as fases como nos fala nesse trecho

[...]A escrita não desenvolve, de forma alguma, em uma linha reta, com um crescimento e um aperfeiçoamento contínuos. Como qualquer outra função

psicológica cultural, o desenvolvimento da escrita depende, em considerável extensão, das técnicas usadas e equivale essencialmente à substituição de uma técnica por outra. O desenvolvimento, neste caso, pode ser descrito como uma melhoria gradual do processo de escrita, dentro dos meios de cada técnica, e o ponto de aprimoramento abrupto marcando a transição de uma técnica para outra. (GONTIJO, 2002, p.16).

O ensino da leitura e da escrita compreende o entendimento da função da escrita em sua forma cultural, social e como mediador da memória. Antes que tivesse acontecido a compreensão sobre a escrita a criança deverá fazer tentativas de escrita e elaborar estratégia de registo e a apropriação da escrita se constrói quando tem sentido para criança.

4 A LEITURA E A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Existe uma polêmica envolvendo a questão de alfabetizar ou não a criança na educação infantil. Muitos professores defendem que a criança precisa aprender a ler e a escrever antes de entrar no ensino fundamental. No entanto, os documentos norteadores na educação infantil como a BNCC e as DCNEI apontam que a alfabetização não é objetivo da educação infantil. É os especialistas e estudiosos dessa área, manifestam sendo contrário ao foco de ter a alfabetização centro ou o objetivo da educação infantil, mas compreende que a mesma não se inicia no Ensino Fundamental, o direcionamento se vem da educação infantil, mesmo não sendo o foco, indica por onde devem percorrer.

Compreende que é necessário incluir no cotidiano, já no final da Educação infantil, na pré-escola para uma reflexão sobre a escrita.

na Educação Infantil muito pode ser feito na direção de inserir as crianças pequenas no mundo da escrita. No nosso entendimento, ao engajar as crianças nessas práticas, elas estão aprendendo aspectos importantes para seu processo de alfabetização, e isso não implica, necessariamente, desrespeitar as culturas da infância. (BRANDÃO, 2021, p.21-22)

A partir desse contexto, nota-se que a educação infantil, deve inserir as crianças no mundo da escrita de maneira cotidiana e sem uma forçada aquisição, mas trazendo como algo cotidiano, diário que faz parte da vivência, sem que esse processo seja tão arduo. Apesar de não ser o objetivo da educação infantil alfabetizar, deve-se inserir a criança no universo letrado.

Partindo do princípio de que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e atende crianças na faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses, a BNCC define como direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças os seguintes itens:

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a

escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2018).

Os direitos de aprendizagem são todos verbos de ação, por eles que a criança realiza seu aprendizado através de ações no campo de experiência. Durante a educação infantil o brincar é o principal eixo para o desenvolvimento da criança. A atividade lúdica tem papel importante para a construção de relações sociais, contribui na inserção da criança na vida material e simbólica e contribui para a compreensão dos papéis sociais.

Para Vygotsky (2007), no início da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, as crianças envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é chamado de brinquedo. Para o autor, sob o ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser considerada como um meio para desenvolver o pensamento abstrato. A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual - ou seja, entre situações no pensamento e situações reais.

Segundo Vygotsky (2010), no brinquedo os gestos e a linguagem escrita se unem. O brinquedo simbólico é um sistema complexo de fala através de gestos que servem como significado aos objetos na qual a criança utilizará na brincadeira, que neste sentido substituirão outros objetos. Para Vygotsky, “a representação simbólica no brinquedo é, essencialmente, uma forma particular de linguagem num estágio precoce, atividade essa que leva, diretamente, à linguagem escrita.” (VYGOTSKY, 2010, p.74) No brinquedo a criança é capaz de agir em um grau de transição entre os objetos concretos (um cabo de vassoura) e o pensamento abstrato (cavalo).

Segundo Melo (2014), é importante tratar como relevantes as atividades dedicadas ao desenho e ao faz-de-conta, pois, são atividades essenciais na formação das bases necessárias ao desenvolvimento das formas superiores de comunicação humana. As atividades pedagógicas como brincadeira, pintura, faz de conta, desenho, dança entre outras formas de expressão são importantes para que a criança desenvolva a personalidade, a inteligência e servem para o aprendizado da escrita e da cultura.

É necessário que trabalhem profundamente o desejo e o exercício da expressão por meio de diferentes linguagens: a expressão oral por meio de relatos, poemas e músicas, o desenho, a pintura, a colagem, o faz de conta, o teatro de fantoches, a construção com retalhos de madeira, com caixa de papelão, a modelagem com papel, massa de modelar, argila. É necessário que a criança experimente os materiais disponíveis, que a escola e o educador tenham como responsabilidade ampliar e diversificar sempre. (FARIAS, 2014, p.33).

Algumas atividades importantes incluem na rotina da educação infantil a participação das crianças de atividades cotidianas de leitura e de escrita, criar situações em que as próprias crianças escrevam e leiam, leitura de gêneros textuais diversos para que as crianças compreendam a função da leitura e da escrita.

A Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil não apontam a alfabetização como meta desta etapa de ensino, no entanto, define, em seus eixos norteadores, que as crianças devem participar de experiências com diferentes linguagens.

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

II - Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III - Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

IX - Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; (BRASIL, 2009).

Segundo Melo (2014), acredita que para as crianças se apropriem da escrita, de forma não mecânica, mas como uma linguagem de expressão e de conhecimento do mundo, é preciso garantir que elas se utilizem do faz-de-conta, do desenho livre e, também de muitas outras linguagens possíveis, vividas como forma de expressão e de atribuição pessoal de significado àquilo que a criança vai conhecendo no

mundo da cultura e da natureza. Em relação as diferentes linguagens, a autora ressalta que:

é necessário que trabalhemos o desejo e o exercício da expressão por meio das diferentes linguagens: a expressão oral por meio de relatos, poemas e músicas, o desenho, a pintura, a colagem, o faz de conta, o teatro de fantoches, a construção com retalhos de madeiras, com caixa de papelão, a modelagem com papel, massa de modelar, argila. (...) Essa necessidade de expressão – é sempre importante lembrar – surge a partir do que as crianças veem, ouvem vivem, descobrem e aprendem. (MELO, 2014, p.33).

A autora ainda propõe a atividade de registrar, por escrito, as experiências das crianças, usando e reelaborando suas próprias palavras. Introduzindo, assim, essas crianças ao mundo da linguagem escrita. Estimular e exercitar o desejo de expressão das crianças requer: contar histórias, deixar as crianças contarem suas histórias, estimular a observação, a solução de problemas, discussão de temas apresentados em sala, avaliar o dia vivido na escola, participar no estabelecimento de regras e na organização da rotina na escola, relatar experiências para a turma e muitos outros.

Nesse sentido, em lugar de propor às crianças exercícios de treino de escrita, a preocupação do professor de educação infantil deve orientar-se para a criação da necessidade de escrita. Nessa etapa escolar, o trabalho com a escrita não deve significar alfabetizar, mas sim proporcionar à criança formas de contato com o escrito que favoreça a construção de sentido para os usos dos textos presentes no cotidiano escolar. Espera-se romper, dessa forma, com práticas que visam a realização de atividades de cópia e de memorização de letras, sons e formas.

5 CONCLUSÃO

Ao compreender como a criança da educação infantil pode construir conhecimento sobre a leitura e a escrita, percebeu-se que é necessário ampliar as práticas pedagógicas que valorizam a leitura, a escrita e a oralidade para que haja a formação de leitores e autores críticos e autônomos. É importante repensar as atividades com letras e sílabas isoladas, onde não é possível proporcionar conhecimento sobre as funções da linguagem.

Entende-se que a criança precisa estabelecer uma relação funcional com a escrita, ou seja, compreender que a escrita possui uma função social e, dessa forma, O professor precisa conhecer a pré-história do desenvolvimento da linguagem escrita que possibilitarão à criança desenvolver a escrita simbólica.

Conclui-se neste estudo que a gênese da formação da atitude autora e leitora na infância residem nas formas de linguagem que antecedem a apropriação da escrita simbólica, isto é, nos desenhos e nas brincadeiras que constituem a base para o desenvolvimento da atividade criadora. Nessas atividades intersíquicas, as crianças aprendem a representar o mundo da cultura por meio dos desenhos e das brincadeiras e nesse processo desenvolvem suas funções psicológicas superiores

É necessário repensar o fazer docente na educação infantil, pois a linguagem deve ser o lugar de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido e, dessa forma, as atividades de leitura e de escrita não deve ter como objetivo o ensino de letras e números, mas espera-se proporcionar à criança formas significativas de acesso ao mundo escrito. É preciso proporcionar contato com os gêneros textuais e com as diversas formas de escrita do cotidiano, permitindo que a criança compreenda a função da escrita.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. **A aprendizagem inicial da língua escrita com a criança de 4 e 5 anos**. São Paulo, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5/2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 18 dez de 2009.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral. **Linguagem Infantis e outras formas de leitura**. Campinas: Autores associados, 2014.
- GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A escrita como recurso Mnemônio na fase inicial de alfabetização escolar: Uma análise histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 78, abril/2002. Texto digitado
- LURIA, Alex R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria da Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 143-190.
- MELLO, Suely Amaral. A apropriação da escrita como instrumento cultural complexo. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela (orgs.). **Vygotsky e a escola atual: fundamento teóricos e implicações pedagógicas**. Araraquara-SP: Junqueira & Marin, 2006.
- MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vigotsky. IN: FARIA, Ana Lúcia Goulart e MELLO, Suely Amaral (orgs.). **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. Campinas: Autores Associados, 2015, p.23-40.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky uma perspectiva histórico-cultural da educação**. São Paulo: Vozes, 1995.
- VYGOTSKY, L. S.; Luria, A. R. & Leontiev, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2010.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.